
Do campo à universidade: análise das trajetórias acadêmicas de jovens oriundos do meio rural em Viçosa-MG

From the countryside to the university: analysis of the academic trajectories of young people from the rural environment in Viçosa-MG, Brazil

Magna Rita Arcanjo Domingos

Universidade Federal de Viçosa, Pós-Graduação em Geografia, Viçosa, MG, Brasil
magna.domingos@ufv.br

Wagner Batella

Universidade Federal de Juiz de Fora, ICH, Pós-Graduação em Geografia, Juiz de Fora, MG, Brasil
Universidade Federal de Viçosa, Pós-Graduação em Geografia, Viçosa, MG, Brasil
wagner.batella@ufjf.br

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender as transformações do modo de vida dos jovens oriundos do meio rural analisando suas trajetórias acadêmicas. Para tal, trabalhou-se com a categoria Juventude, problematizada por meio da noção de trajetórias acadêmicas. Do ponto de vista metodológico, empregou-se, nesta investigação, uma pesquisa de campo desenvolvida por meio da abordagem qualitativa. Como instrumentos de coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os estudantes e egressos que se constituem público-alvo da pesquisa. Comparando as trajetórias dos jovens aqui apresentados percebe-se que eles têm em comum o fato de serem filhos de agricultores e terem superado os pais no que se refere ao grau de estudo. Todos são oriundos de escolas públicas e encontraram dificuldades no transcórre de suas trajetórias escolares e durante o percurso acadêmico. Os resultados mostraram que uma das maiores dificuldades dos sujeitos da pesquisa durante as trajetórias na universidade foi acompanhar os conteúdos e se adaptarem às metodologias dos professores, tendo lacunas de aprendizagem dos conteúdos em decorrência de um ensino básico de pouca qualidade. Com base na análise dos dados obtidos nas entrevistas, concluiu-se que os jovens do campo que ingressam no ensino superior estão em constante mudança no modo de agir e de pensar, devido às variadas experiências que acontecem no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Juventude do campo. Ensino Superior. Trajetória Acadêmica.

Abstract

This article has as objective to understand the transformations of the way of life of young people from rural areas through their academic trajectories. We worked with the Youth category, problematized through the notion of academic trajectories. From a methodological point of view a field research was developed through the qualitative

approach was used, since it becomes more appropriate to the objectives of the study. As data collection instruments, semi-structured interviews were conducted with students and graduates who constitute a target audience of the work. Comparing the trajectories of the young people presented here, it is perceived that they have in common the fact that they are children of farmers and have surpassed their parents in terms of the degree of study. All of them come from public schools and encounter difficulties during their school trajectories and during the academic trajectory. They highlighted that one of the greatest difficulties in the university was in monitoring the contents and adapting the methodology of teachers having learning gaps in the contents due to a low-quality basic education. Based on the analysis of the data obtained in the interviews, it was concluded that the young people in the field who enter higher education are constantly changing the way they act and think, due to the varied experiences that take place in the academic space.

Keywords: Youth of the field. Higher Education. Academic Trajectory.

Introdução

A juventude é uma fase de construção social da vida de um indivíduo, sendo influenciada por diversos questionamentos sociais, o que acaba acarretando instabilidade e incertezas na trajetória pessoal e profissional desses jovens (SILVA, 2002). Quando se trata da temática “juventude”, muitas são as pesquisas que se voltam para investigar os jovens do meio urbano, mas poucos são os trabalhos que se dedicam aos estudantes provenientes das localidades rurais.

No decorrer dos últimos anos, a sociedade passou por várias transformações, sendo uma delas o acesso à educação. Assim, pode-se destacar que houve uma diversificação dos estudantes universitários quanto à localização geográfica, a origem social, a faixa etária, o gênero e a etnia (ZAGO, 2013a). Segundo Brocco e Zago (2014), essa democratização do ensino superior ocorre por causa do surgimento de várias políticas educacionais criadas pelo Governo Federal, principalmente a partir de 2003, podendo citar como exemplos os seguintes programas: Programa de Apoio e Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), dentre outros.

Atualmente o problema não se resume a adentrar no ensino superior, mas sim permanecer nele, principalmente os estudantes de famílias carentes e de outras cidades. Dessa forma, o interesse pelos estudos relacionados aos jovens rurais originou-se ainda

durante a trajetória acadêmica da primeira autora deste trabalho no curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa (UFV), cursado no período de 2012 a 2016. Sendo moradora de uma comunidade da zona rural de Viçosa, município localizado na Zona da Mata de Minas Gerais, e por pertencer a uma família de baixa renda, acabei enfrentando diversos desafios para minha permanência no Ensino Superior, tais como a distância, os deslocamentos campo/cidade, as experiências culturais e os problemas econômicos, tendo que conciliar os estudos com o trabalho, entre outros desafios.

Entre as questões teóricas que tematizam os estudos sobre a juventude do campo no Brasil, em geral, elas se dirigem às trajetórias escolares de estudantes de camadas populares rurais. Porém, ainda são escassos os trabalhos voltados à mobilidade socioespacial de estudantes de graduação que residem no campo. Portanto, a pesquisa poderá oferecer benefícios diretos e/ou indiretos à comunidade acadêmica, uma vez que os resultados do estudo poderão contribuir futuramente para o maior conhecimento a respeito da realidade de estudantes provenientes do campo nas universidades públicas, além de poder contribuir com o poder público auxiliando na construção de possíveis políticas públicas, podendo permitir que até as universidades desenvolvam ações específicas para lidar com os interesses e as questões dos estudantes das comunidades rurais.

Ao partir do pressuposto de que o acesso do jovem do campo às universidades não ocorre de modo pacífico, visto que esses encontram ao longo de sua trajetória acadêmica vários percalços que podem levá-los à desistência ou trancamento de seus respectivos cursos, considera-se que eles também encontram o desafio de ordem cultural, que diz respeito à mudança do modo de ser e de agir, tanto pelas experiências vivenciadas durante a vida acadêmica, quanto pelo fato de deixarem o campo para deslocarem para cidade. A partir destes desafios apontados e tantos outros, há a necessidade de aprofundar os estudos sobre o ponto de vista dos estudantes no que se refere aos impactos da saída do campo para a cidade a fim de estudarem, bem como questionar a maneira como essa mudança interfere na vida pessoal e profissional destes jovens residentes no meio rural. Portanto, este artigo tem como objetivo compreender as transformações do modo de vida dos jovens oriundos do meio rural por meio das suas trajetórias acadêmicas.

Metodologia

Por tratar de pesquisa com seres humanos, todos os procedimentos metodológicos foram avaliados e aprovados pelo CEP – Comitê de Ética em Pesquisa – da UFV – Universidade Federal de Viçosa –, conforme consta no processo 3092222.9.0000.5153, aprovado pelo Parecer número 4.093.402.

Após aprovação no CEP, a pesquisa foi iniciada pela realização de uma ampla pesquisa bibliográfica com o objetivo de reunir as informações e dados que serviram para o aprofundamento no assunto. Desta forma, o levantamento bibliográfico foi realizado a partir dos seguintes sites: plataforma SciELO (Scientific Electronic Library Online); portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e LOCUS (Repositório Institucional – UFV). Para fazer a busca, utilizaram as palavras-chaves: juventude do campo, ensino superior e trajetória acadêmica. Foram selecionadas as pesquisas divulgadas sob a forma de teses, dissertações, artigos científicos de periódicos e livros, que discutem a temática juventude do campo no ensino superior.

Empregou-se, na investigação, uma pesquisa de campo desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, uma vez que ela se torna mais adequada aos objetivos do estudo. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O universo empírico da pesquisa é constituído por sujeitos (5 mulheres e 2 homens) advindos do campo e que estavam cursando uma graduação na Universidade Federal de Viçosa no momento da entrevista, ou graduados nessa instituição. Aos participantes foi assegurado o direito à privacidade, de modo que eles não terão suas identidades expostas. Assim, os nomes foram substituídos por nomes de países, que foram escolhidos pelos próprios entrevistados. Optou-se, na pesquisa, pela amostragem não-probabilística, já que foi utilizada para a localização dos jovens rurais a técnica “bola de neve”, que “consiste em identificar uns poucos sujeitos e pedir-lhes que indiquem outros, os quais, por sua vez, indicarão outros e assim sucessivamente, até que se atinja o ponto de redundância” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2002, p.163).

Para compor o corpo metodológico, foram eleitos como procedimentos de investigação a pesquisa bibliográfica e a análise documental, e como instrumentos de coleta de dados, entrevistas semiestruturadas com os estudantes e egressos que se constituem público-alvo do trabalho. Esse formato de entrevistas foi utilizado por ser um procedimento de coleta que amplia o entendimento das questões a serem estudadas, uma vez que “há um roteiro previamente estabelecido, mas também há um espaço para a elucidação de elementos que surgem de forma imprevista ou informações espontâneas dadas pelo entrevistador” (APPOLINÁRIO, 2006, p.134).

Para análise dos dados, foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo, que segundo Appolinário (2006), constitui-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. Para um melhor entendimento, criar-se-á categorias relacionadas ao objeto de pesquisa a fim de obter padrões e representações comuns. Assim, as deduções lógicas ou inferências que serão obtidas a partir das categorias serão responsáveis pela identificação das questões relevantes contidas no conteúdo das mensagens (APPOLINÁRIO, 2006, p.161).

Síntese dos principais autores e conceitos da pesquisa

O referencial teórico para a pesquisa foi constituído, inicialmente, por autores que analisam e discutem questões sobre juventude do campo, modo de vida rural, mobilidade socioespacial (deslocamentos), trajetórias acadêmicas de jovens rurais e ensino superior. Nessa perspectiva, as contribuições de autores como Souza (2013), Menezes, Souza e Pereira (2012), Zago (2013b), Furtado (2008), Weisheimer (2005), Molina e Freitas (2011), Silva (2002) e Gomes (2015), dentre outros, tornaram-se fundamentais para entender a temática juventude rural e sua inserção no espaço universitário.

Muitos dos jovens rurais estão saindo do campo para a cidade à procura de um trabalho remunerado, em função das dificuldades do trabalho agrícola. Outros saem na perspectiva de dar continuidade aos estudos, vendo a educação como uma possibilidade de obter melhores condições sociais e econômicas.

A educação ainda continua sendo um dos principais meios visto pelos pais e pelos jovens na busca de melhores condições econômicas e sociais, pois vivemos em uma sociedade capitalista que visa à competição, e se os jovens do meio rural querem deixar a agricultura e querem ingressar no mercado de trabalho na zona urbana eles precisam de qualificação para alcançar a estabilidade financeira, objetivo da maioria dos jovens que deixam o campo e migram para cidade.

Dentre os jovens rurais que saem do campo para a cidade, está crescendo o número daqueles que conseguem ingressar no ensino superior. Cunha (2011), em seu estudo, observa que o ingresso do jovem no ensino superior está também relacionado à renda da família, assim como ao nível de escolaridade dos pais, pois “o ensino superior público acaba funcionando como instrumento possível para superar as desigualdades ou para diminuir a iniquidade no sistema educacional” (CUNHA, 2011, p. 265).

Menezes, Souza e Pereira (2012) discorrem em seu artigo que, quando o jovem do campo consegue ingressar em uma universidade, devido às experiências durante a formação acadêmica, costuma mudar seu jeito de agir e de pensar. Estas novas experiências adquiridas pelos jovens do campo contribuem para criar uma diversidade social e cultural que é uma condição de existência da sociedade e que enriquece os bens culturais e simbólicos, assim como amplia as relações sociais. Segundo Carneiro (1998, p. 58), “a heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca obrigatoriamente a descaracterização da cultura local”. Não há uma descaracterização dos núcleos rurais, mas uma reestruturação, com a incorporação de novos componentes econômicos, sociais e culturais (CARNEIRO, 2008).

O espaço universitário é constituído por estudantes com características diversas, que se unem em um sistema sociocultural em busca de seus objetivos. Essa união ocasiona um compartilhamento de valores, crenças, hábitos, etnias, dentre outros, dentro de um mesmo espaço geográfico. Assim, o deslocamento ou a migração temporária dos jovens do campo para a universidade com o objetivo de estudar pode gerar sentimentos de pertença múltiplos, bem como uma nova caracterização de sua identidade.

Assim, o presente texto trouxe a proposta de pesquisar a temática juventude rural, com base em referências teóricas e pesquisa empírica. Portanto, os conceitos e seus respectivos autores, que foram aqui trabalhados, trazem efetiva contribuição para os objetivos que se esperou alcançar com esta pesquisa.

Resultados e Discussão

Dificuldades e perspectivas dos jovens do campo em suas trajetórias acadêmicas

Com uma trajetória escolar marcada pelas dificuldades de acesso, tendo em vista as grandes distâncias que tinham que ser percorridas, pois muitas das escolas eram localizadas distantes da área rural. Imaginar o curso superior, especialmente para aqueles de famílias mais pobres, era um sonho bem distante. Os entrevistados, ao relatarem suas trajetórias escolares, de forma unânime falaram da distância e da dificuldade de transporte, principalmente em dias chuvosos, como o maior obstáculo que enfrentaram. Alguns deles tinham que acordar muito cedo para percorrerem quilômetros caminhando ou se deslocarem em transporte precário até chegar à cidade para estudar.

A gente tinha que acordar muito cedo, principalmente no ensino fundamental, a escola ficava tipo 10 km ou mais não me recordo. Quando chovia, para a gente começar uma aula as 7 horas da manhã, tinha que sair de casa umas 4 horas da madrugada, por causa do barro. Então era difícil (EQUADOR, 27 anos).

Enfrentei a questão do transporte escolar e a questão da distância. No ensino fundamental eu acho que foi um pouco pior ainda, porque eu era menor aí tinha a questão do ônibus quando chovia a estrada ficava bem ruim aí ele não buscava (o ônibus). Então, as vezes ou a gente tinha que ir a pé ou conseguir uma carona para não faltar de aula (ARGENTINA, 24 anos).

Sempre enfrentei dificuldades! No infantil como estudava em uma escola na zona rural, a gente tinha que ir a pé ou de bicicleta. Na época de chuva era pior, a gente tinha que ir a pé no barro e debaixo de chuva, a gente tinha que andar muito longe era uns 4 quilômetros para chegar na escola. Depois que eu sair da escola rural e fui para a urbana tinha um ônibus escolar, mas mesmo com o transporte escolar quando chovia eu tinha que andar bem, uns 3 km até chegar no ponto de ônibus (ITÁLIA, 28 anos).

No caso de Índia, Itália, Equador e México ainda tinham uma rotina árdua, pois estudavam pela manhã e trabalhavam à tarde, auxiliando os seus pais na roça, e à noite faziam as atividades escolares. Já Indonésia, Bélgica e Argentina ajudavam nos afazeres domésticos para os pais trabalharem na roça. Weisheimer (2005) descreve que os jovens do campo são marcados pela forte característica de compartilharem dos mesmos desafios enfrentados que, em sua maioria, estão ligados às condições vivenciadas nesse meio.

Porém, não foi somente durante a trajetória escolar que os estudantes tiveram dificuldades. Quando adentraram o ensino superior, os entrevistados também enfrentaram algumas dificuldades. Dentre elas, destaca-se a questão da realidade cultural, onde alguns dos entrevistados se viram em um universo totalmente diferente de suas realidades. A convivência com estudantes de outras classes sociais e o sentimento de inferioridade representou para as estudantes do campo um sentimento de não pertencimento.

Eu senti um conflito de realidade, você acaba convivendo com pessoas que foram criadas de outras formas. No início eu me senti tipo um peixe fora d'água, convivi com pessoas que são do meio urbano e que tem outro tipo de cultura, outros já estão inseridos ali já entendiam mais aquele contexto do que eu que vim da zona rural. Mas assim, eu tinha mais receio, mais timidez no início, mas depois eu fui me soltando (ARGENTINA, 24 anos).

Nossa! Quando entrei na universidade vi que era totalmente diferente do que imaginei, eu chorei demais na naquela universidade, porque eu tinha uma cabeça fechada. Eu lembro que no primeiro dia de aula, na hora de ir embora, eu estava esperando o ônibus e tinha um rapaz perto de mim fumando um cigarro que fedia pra caramba. Eu fiquei escandalizada, porque o rapaz tava fumando perto de mim, e na minha cabeça era maconha, talvez podia ser um cigarro normal de palha, mas na minha cabeça era maconha, porque estava fedendo muito e os outros falam que fede muito. Eu fiquei horrorizada com o que estava acontecendo perto de mim, porque aquilo não era a minha realidade. A minha realidade sempre foi ficar quieta em casa, trabalhar! Minha mãe e o meu pai não tem vício nenhum, então quando eu vi aquilo foi horrível! Pensei assim: “Meu Deus! Bem que os outros falam que aqui o pessoal usa essas coisas.” Foi um choque de realidade que eu tive, porque a minha realidade era uma coisa e lá é outra (ITÁLIA, 28 anos).

Completamente diferente! Primeiro pelo tanto de pessoas diferentes que estão ali né... você já tem um choque, assim na hora que você chega que você conhece algumas pessoas, você já tem um impacto muito diferente da sua realidade. Assim, a minha realidade é muito diferente de muitas pessoas, então com certeza um choque absurdo no primeiro ano da universidade, é muito impactante (EQUADOR, 27 anos).

Os relatos dos jovens entrevistados vão ao encontro dos resultados de pesquisa de Bovério (2009), onde compreende que os jovens, quando conseguem ingressar em um ensino superior, deparam-se com um universo totalmente diferente, tendo uma triste relação com a vida acadêmica. Isso porque passam “a ter consciência das inúmeras diferenças sociais entre esse universo e suas origens” (BOVÉRIO, 2009, p.5).

Para os entrevistados, o primeiro ano do curso representou um período de muitas dificuldades e obstáculos. Nas narrativas foram bastante expressivas as referências dos

problemas de adaptação da metodologia dos professores e dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

No primeiro semestre eu pensei em desistir, porque era muito difícil e não tinha conhecimento como era a UFV. Como a gente não era muito focado no estudo, quando entrei na UFV senti muita diferença, porque eu tive que aprender estudar lá e é um diferencial muito grande, a gente tem que focar mais lá, a gente não tinha esse costume antes, porque tinha outras coisas para fazer (MÉXICO, 22 anos).

Primeiro foi o curso, bem difícil por mais que eu ficava por conta senti essa dificuldade, porque é coisa nova você não nunca viu, por mais que você já tinha visto algumas coisas era coisa nova era difícil. Então, foi mais essa questão mesmo, ter que ficar firme e forte, fazer prova, trabalho, aquela correria danada de estudar e tentar manter tudo em dia, porque às vezes não era fácil conseguir (ÍNDIA, 27 anos).

A questão da pressão, a gente não vem, pelo menos eu, não vinha preparado academicamente pra entrar na Universidade. A minha formação foi muito rasa, talvez também eu tenha sido culpado por isso, talvez não me aprofundei tanto no ensino fundamental e médio. Mas a minha formação foi muito rasa, então tive muita dificuldade acadêmica, além da pressão de ter que ler muitos textos (EQUADOR, 27 anos).

Quando eu entrei eu tive dificuldade em relação aos trabalhos acadêmicos, porque na escola eu não utilizava as normas acadêmicas, até eu pegar esse estilo para fazer os trabalhos fiquei um pouco confusa e tive um pouco de problema nessa parte no início da graduação, mas depois fui me adaptando (ARGENTINA, 24 anos).

Além das dificuldades narradas, alguns entrevistados também relatam que obtiveram algumas reprovações ao longo do curso e, segundo eles, é porque tiveram uma deficiência da formação anterior. Portanto, a falta de qualidade do ensino público anterior, do qual dependem para seguir na educação superior, interferiu na trajetória e no desempenho acadêmico dos entrevistados. Bovério (2009) descreve que um dos problemas enfrentados pelos estudantes das camadas populares se refere “à exigência de que todos os indivíduos dominem um conjunto de conhecimentos, informações, códigos linguísticos, atitudes e posturas que são responsáveis pela diferença de rendimento frente à universidade” (BOVÉRIO, 2009, p.11).

Segundo Coulon (2008), o ingresso em um novo sistema de educação significa vivenciar um processo de afiliação, onde o autor a caracteriza em três fases. A primeira

fase é o tempo de estranhamento, quando o estudante percebe que as regras conhecidas e vivenciadas no ensino anterior não servem mais para o novo contexto e percebe um mundo que não é mais familiar. A segunda é o tempo de aprendizagem, onde os alunos buscam conhecer os novos códigos, porém ainda não estão familiarizados o suficiente para usá-los competentemente. A terceira e última fase é o tempo de afiliação onde o estudante passa a se familiarizar com seu novo ambiente, quando as novas regras e normas são naturalizadas.

Outra dificuldade relatada por alguns dos entrevistados é a questão do acesso à internet. Indonésia, Índia, Itália e México disseram que nos primeiros anos de universidade não tinham acesso à internet em casa. Assim, eles narram que muitas vezes foram para a universidade sem saber que o professor tinha cancelado a aula, tendo que ficar lá por um período longo esperando o transporte para voltar para casa.

Já cheguei a ir na universidade para assistir a uma aula e chegar lá sabendo que o professor tinha cancelado a aula, porque não tinha acesso a internet em casa, lógico se eu tivesse internet para acessar o e-mail eu não ia neh! (ÍNDIA, 27 anos).

Já tive muitas dificuldades com falta de informação, por exemplo, quando não tinha aula às vezes eu ficava sabendo lá, por que eu não tinha internet em casa. Teve um semestre eu tinha uma aula as dez horas da manhã, outra era as dezesseis horas e depois dezoito e meia, aí eu tinha que ficar lá o dia inteiro, porque não compensava eu vim em casa se eu viesse no ônibus de meio-dia chegava em casa uma hora da tarde e de uma hora pra pegar o ônibus das duas não valia a pena, iria gastar dinheiro à toa. Então, aproveitava e ficava estudando na biblioteca. Aí uma vez que eu fui, eu ia num ônibus das sete horas da manhã, não tive essa aula de dez horas. Mandaram e-mail, mas eu fiquei sabendo lá, fiquei de oito da manhã até às 16 dezesseis horas esperando as próximas aulas. Depois eu tive que esperar até vinte e duas horas para pegar ônibus e vim embora (MÉXICO, 22 anos).

Segundo os entrevistados, para fazerem pesquisas sobre trabalhos acadêmicos tinham que se deslocar até a universidade, fazer a pesquisa no celular ou em algum computador disponível na UFV, salvar em um pendrive para poder fazer a atividade em casa. No caso de Itália era ainda pior, porque ela não tinha computador em casa, então ela fazia as pesquisas em livros disponibilizados na biblioteca ou material que tinha em casa, fazia manuscrito e dependia de colegas para digitar para ela.

Eu não tinha acesso ao computador, se o professor aceitasse as coisas escrita a mão, mas era raro, eu escrevia a mão. Aqueles que não aceitavam, para minha sorte que a maioria era feito em duplas ou grupos, então eu combinava com as meninas, pesquisava nos livros o que eu tinha de material em casa. Escrevia à mão o texto, que seja artigo ou resenha o que eles pedissem, fazia praticamente quase todo o trabalho sozinha e deixava um ou outro pedaço para a menina complementar. Aí eu passava pra ela e ela digitava (ITÁLIA, 28 anos).

Depois de algum tempo ela conseguiu adquirir um computador, mas continuava tendo acesso a internet somente na UFV, pois onde mora o provedor fornecia uma internet muito ruim, além disso, as mensalidades eram muito caras, então ela optou pelo cancelamento.

Equador relata que teve muitas dificuldades financeiras, pois o custo era muito alto para se manter na universidade, segundo ele se não fosse o auxílio permanência não teria conseguido concluir o curso superior. Já Bélgica narra que a maior dificuldade que teve foi a emocional.

De todos os que mais tive dificuldade foi o emocional, pois é muita pressão que sofremos em todos os sentidos. Sofremos pressões da família, pois para eles é muito fácil está ali, já que você não trabalha e tem o tempo somente destinados para o estudo. Sofremos pressões também do próprio pensamento nosso de que não vamos conseguir que não somos capazes, que está jogando o seu tempo fora invés de estar trabalhando e sendo independente financeiramente (BÉLGICA, 23 anos).

Além das dificuldades destacadas acima, os entrevistados também relataram que em algum momento durante a graduação tiveram que conciliar trabalho e estudo para se manterem na universidade. No caso de Itália, Índia, Indonésia, México e Equador no começo da graduação eles trabalhavam em serviços voltados para agricultura nos horários que não tinham aula. Mas no decorrer do curso conseguiram bolsas, em projetos de ensino, pesquisa ou extensão, ou estágios remunerados voltados para a área de seus cursos. Já Bélgica e Argentina, desde o início do curso, conseguiram estágios remunerados nas suas áreas de formação. Eles narram que por conta dos desafios de ter uma rotina organizada, manter a mente produtiva e dar conta de todas as demandas, principalmente em final de períodos. Assim, apontaram alguns problemas, como o cansaço, a falta de tempo e o desgaste emocional.

Para além da universidade, alguns entrevistados relatam que ingressar na universidade significou uma mudança geral na rotina. Para os três moradores da comunidade Juquinha de Paula, a entrada na universidade implicou na mudança para cidade, pois a comunidade onde moravam é bem distante e de difícil acesso em dias chuvosos. Ao conseguirem o auxílio moradia, residiam na cidade durante a semana e aos finais de semana iam para casa. Isso impactou muito na vida deles, pois tiveram que mudar seus hábitos e ficaram longe da família. Eles relatam que no começo foi bem difícil pegar o ritmo da cidade.

Em relação à permanência dos entrevistados na Universidade, os depoimentos permitiram compreender que os percursos também se diferenciam, principalmente considerando que alguns depoentes tiveram períodos diferentes de experiência universitária e são advindos de distintas comunidades. Por exemplo, Itália, que ingressou no ano de 2012, apresentou mais dificuldades em seus relatos em relação aos outros, principalmente no primeiro ano do curso.

Dentre as dificuldades apontadas pelos sujeitos de pesquisa, algumas recaem mais sobre as pressões econômicas, tendo a necessidade de conciliar o curso de graduação com trabalho remunerado, a questão cultural e lacunas de aprendizagem dos conteúdos em decorrência de um ensino básico de pouca qualidade. Embora as dificuldades acadêmicas aqui apresentadas não se restrinjam somente aos jovens oriundos do campo, considerar suas especificidades contribui para sua inclusão efetiva, favorecendo a permanência com sucesso destes estudantes.

Juventude Rural: espaço universitário e transformações do modo de vida

Menezes, Souza e Pereira (2012) discorrem em seu artigo que, quando o jovem do campo consegue ingressar em uma universidade, devido às experiências durante a formação acadêmica, costuma mudar seu jeito de agir e de pensar. Estas novas experiências adquiridas pelos jovens do campo contribuem para criar uma diversidade social e cultural que é uma condição de existência da sociedade e que enriquece os bens culturais e simbólicos, assim como amplia as relações sociais. Antes de discutir sobre as transformações do modo de vida dos jovens do campo no contexto universitário é preciso compreender o conceito de identidade.

Segundo Hall (2004), quando nascemos não temos uma identidade pré-estabelecida, sendo uma construção cultural, conforme o ambiente em que estamos inseridos, a partir da interação humana.

“(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada"” (HALL, 2004, p.38).

Hall (2004) ainda define três concepções distintas de identidade cultural do indivíduo, sendo que a primeira é o Sujeito Iluminismo, baseado numa concepção de indivíduo unificado e racional de consciência e de ação, centrado em seu núcleo interior, ao qual a identidade aparecia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia permanecendo inalterada ao longo da existência do indivíduo.

Uma segunda concepção destacada por Hall (2004) é o sujeito sociológico, na qual a identidade passa a ser formada a partir da relação entre o indivíduo e outras pessoas importantes para ele, que mediava a cultura para o sujeito. Esse indivíduo possui seu núcleo interior, mas agora ele passa a ser alterado por mundos culturais exteriores e por outras identidades que esses mundos oferecem. E por último, o Sujeito Pós-Moderno, o qual sua identidade é composta por diversas identidades, muitas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Ou seja, possui uma identidade provisória em constante mudanças. Esse último é, talvez, a concepção que melhor se ajusta com as características identitária dos sujeitos nos tempos atuais.

Deste modo, de acordo com Hall (2004), o conceito de identidade vem enfrentando uma crise, podendo ser percebida com o surgimento de novas identidades e desintegração do sujeito. Assim, as transformações no conceito de identidade se deram por não mais existir um indivíduo adaptado, mas sim um sujeito excêntrico no mundo social, cultural e diante de si mesmo. Consequentemente, vive se relacionando e em constante confronto com diversificadas identidades que muitas das vezes se identificam apenas temporariamente.

A conceitualização de identidade para Kuper (2002) vai ao encontro com a de Hall (2004), uma vez que segundo Kuper (2002), essa é a parte mais individual do ser humano, mas que é totalmente dependente da convivência social. A construção da

identidade para o autor é um processo contínuo e perpétuo, no qual se projetam as particularidades interiores (desejos, vontade ou ações individuais), como também as exteriores (valores, normas, língua, entre outros):

Mas identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. Segundo os construcionistas, é nesse diálogo que a identidade é formada. Mas não é dessa maneira que ela é vivenciada. De um ponto de vista subjetivo, a identidade é descoberta dentro da própria pessoa, e implica identidade com os outros. O eu interior descobre seu lugar no mundo ao participar da identidade coletiva (por exemplo, uma nação, uma minoria étnica, uma classe social, um movimento político ou religioso) (KUPER, 2002, p. 298).

Nessa mesma perspectiva, Castells (2008) descreve que as identidades permitem a percepção da realidade individual, ou seja, a consciência de si mesmo. Conseqüentemente, permitem a diferenciação entre o “eu” e o “outro”, possibilitando as distinções identitárias de cada um. Portanto, a identidade cultural, pode ser vista como uma construção subjetiva, em constante mudança do “eu” individual, influenciadas pelo coletivo e pelas formas simbólicas, que ligam o ser social e sua condição existencial, a outros grupos sociais e práticas culturais, em vários contextos do espaço geográfico.

Nesse sentido, Bovério (2009) destaca que os jovens, quando conseguem ingressar no Ensino Superior se deparam com um universo totalmente diferente, tendo uma triste relação com a vida acadêmica. Isso porque passam “a ter consciência das inúmeras diferenças sociais entre esse universo e suas origens” (BOVÉRIO, 2009, p.5), como pode ser observado nos registros abaixo:

Na UFV a gente aprende a respeitar o próximo e suas escolhas, que cada um tem o seu gosto, modo de agir, pensamentos distintos, crenças distintas entre outros. Comecei a ver o mundo de maneira mais liberal, conheci a força do feminismo e hoje não abro mão desse movimento. Comecei a ver que tudo que tinha aprendido era pensamentos machistas, que as pessoas têm direito de escolher aquilo que faz bem para o individual de cada um e só isso importava. O que fez essa mudança toda para mim, foi morar com uma amiga que era feminista e que era bissexual, ela me mostrou que não tem nada de anormal das pessoas ficarem com quem elas gostam, seja do mesmo sexo ou oposto, toda maneira de amor vale a pena (BÉLGICA, 23anos).

Quando a gente tem contato com um tanto de pessoas diferentes, a gente muda um pouco nosso modo de ser. Eu me tornei outra pessoa depois que ingressei na universidade, eu acho que me tornei uma

peessoa muito mais aberta às diferenças. Eu não era muito aberto, então quando você conhece essas novas realidades, acho que você me entende, e começa a conviver com todas as diferenças que existem, acabamos nos adaptando. Muda um pouco a cultura, o modo de vestir, por exemplo, eu tinha um estilo meio agro e hoje não tenho mais (EQUADOR, 27 anos).

Eu perdi um pouco de timidez e tenho uma visão mais problematizadora do mundo, das questões, das relações das pessoas. Comecei a questionar mais as coisas, a relação entre homem e mulher, a questão das classes sociais e das desigualdades. Eu comecei a ficar com a visão mais aberta em relação a isso. A gente acaba mudando o modo de vestir e acaba se adaptando as questões urbanas, os estilos daqui (ARGENTINA, 24 anos).

A gente muda um pouco, acaba se moldando pra fazer parte daquele meio. Tipo assim, o que a gente era antes não é a mesma coisa mais, por exemplo, eu tinha minha cabeça muito fechada, era muito tímido e agora já não sou tanto mais (MÉXICO, 22 anos).

Então, ao saírem do campo, os jovens rurais possuem uma identidade “tradicional” que foi construída na convivência no meio rural. Quando adentram no ensino superior eles passam a conviver com diferentes grupos sociais e ideologias, o que torna sua identidade reconfigurada. Assim, a sua identidade é construída, desconstruída e reconstruída, ganhando novas características. Ou seja, os jovens vão construindo suas identidades ao longo de suas vidas sob as mais distintas influências, na qual ideias e valores são constantemente confrontados, o que pode resultar não apenas em uma única e plena identidade, mas uma construção de diferentes tipos de identidades em diversos momentos e lugares de sua vida (HALL, 2004).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2004, p.13).

Segundo Carneiro (1998, p. 58), “a heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca obrigatoriamente a descaracterização da cultura local”. Não há uma descaracterização dos núcleos rurais, mas uma reestruturação, com a

incorporação de novos componentes econômicos, sociais e culturais (CARNEIRO, 2008). Como afirma a autora,

[...] as transformações na comunidade rural provocadas pela intensificação das trocas com o mundo urbano (pessoais, simbólicas, materiais...) não resultam, necessariamente, na descaracterização de seu sistema social e cultural como os adeptos da abordagem adaptacionista interpretavam. Mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de percepção de mundo, ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados, segundo os interesses e a posição social dos atores, mas isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social. Quando aceita pela comunidade, a diversidade assegura a identidade do grupo que experimenta uma consciência de si na relação de alteridade com os “de fora”. (CARNEIRO, 1998, p.58)

É nessa perspectiva que o jovem do campo constrói as várias outras identidades a partir dos significados que vai incorporando a si. Logo, o deslocamento ou a migração temporária dos jovens rurais para o espaço universitário com o objetivo de estudar pode gerar sentimentos de pertença múltiplos, bem como uma nova caracterização de sua identidade. A construção da identidade dos jovens é um processo contínuo e perpétuo, sempre sujeita a mudanças, sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas.

Considerações Finais

As dificuldades apontadas pelos sujeitos desta pesquisa ao acessarem o ensino superior recaem mais sobre as pressões econômicas, tendo a necessidade de conciliar o curso de graduação com trabalho remunerado, assim como a questão cultural. Outra dificuldade a ser destacada diz respeito ao fato deles residirem no campo e estudarem na cidade, fazendo demandando que façam esse deslocamento diariamente. Em função do tempo gasto com as viagens, eles tinham um tempo reduzido para os estudos, acrescido o cansaço em consequência do deslocamento em condições precárias.

Porém, mesmo encontrando essas dificuldades durante a graduação, a universidade aparece para os jovens como instituição que, ao mesmo tempo em que possibilita a formação profissional e a ampliação das oportunidades de futuro, especialmente no que se refere à inserção no mercado de trabalho, aparece também como universo que propiciou uma ampliação da visão de mundo que lhes permite atualmente repensar a relação com o seu meio de origem.

A determinação dos entrevistados está fundada na concepção do sucesso profissional mediante o esforço pessoal e por meio dele, a reversão de suas posições sociais. Também pode ser percebido que o contexto familiar foi favorecedor para a permanência dos estudantes no sistema de ensino. Em todos os casos, a educação ocupa um lugar importante no universo dos entrevistados e em seus planos para o futuro. É por meio da educação que os sujeitos veem um caminho para terem um futuro melhor que o dos pais.

Ressalta-se ainda a importância de se repensar em políticas públicas para atender as peculiaridades e singularidades do rural, visto que muitos projetos são decorrentes da visão do urbano e acabam não contemplando a realidade do rural (PONTE, 2004). É preciso conhecer, de fato, a realidade destes sujeitos, levar em consideração a heterogeneidade, as expectativas e necessidades.

Já em relação ao modo de ser e agir, com base na análise dos dados obtidos nas entrevistas, concluiu-se que os jovens do campo que ingressam no ensino superior estão em constante mudança no modo de agir e de pensar, devido às variadas experiências que acontecem no espaço acadêmico. Assim, a construção da identidade da juventude rural é um processo contínuo e perpétuo, e em constante mudança do “eu” individual, influenciadas pelo coletivo e pelas formas simbólicas, que ligam o ser social e sua condição existencial, a outros grupos sociais e práticas culturais, em vários contextos do espaço geográfico.

As novas experiências adquiridas pelos jovens do campo no contexto universitário contribuem para criar uma diversidade social e cultural. Sendo uma condição de existência da sociedade e que enriquece os bens culturais e simbólicos, assim como amplia as relações sociais.

Portanto, segundo Hall (2004), há identidades contraditórias e que estão em constantes mudanças. Conseqüentemente, as identidades são fragmentadas, instáveis e plurais. Serão as diferenças e semelhanças individuais dos jovens rurais, os conflitos de valores, as crenças, os hábitos, dentre outros, que determinarão a constituição dos diversos grupos no espaço universitário e, simultaneamente, as próprias identidades.

Assim, as identidades são resultantes de construções sociais e pessoais que se entrelaçam numa configuração particular em cada indivíduo. Sendo a instituição universitária um espaço no qual distintos jovens compartilham significados, representações e variadas práticas identitárias presentes na sociedade. Logo, o estudo

permitiu a compreensão de que as juventudes são categorias sociológicas em constantes transformações, que se reinventam diariamente em função das próprias identidades.

Outro aspecto a ser destacado é a importância de se compreender o campo não apenas como um território residual, mas destacar sua relevância para a sociedade e entendê-lo a partir dos olhares dos rurais. Assim, podem-se propor alternativas para um desenvolvimento rural de acordo com as realidades rurais, de modo que se permita um progresso e um desenvolvimento a partir da melhor utilização destas características existentes.

Sendo assim, o rural não pode ser identificado como apenas um território que está localizado fora do perímetro urbano e muito menos pelas atividades exclusivamente agropecuárias. O rural é muito mais do que isso, ele possui distintos hábitos, culturas, modos de vidas, costumes e especificidades que ultrapassam restrições geográficas físicas. Portanto, nesta pesquisa foi defendido que há diferentes ruralidades. Assim, o rural é pensado como um espaço plural, tendo diversos jeitos de se identificar com um território, seja por meio do emprego, da residência, do lazer, dentre outros.

Deste modo, o campo é um território importante, tanto quanto a cidade, e deve-se valorizar a identidade do indivíduo desse meio, sua cultura e seu conhecimento. Por isso, tanto durante a educação básica, como no ensino superior, as instituições deveriam incentivar e mostrar aos alunos como é importante a valorização do meio de onde vieram. Os jovens não podem deixar de valorizar suas raízes. Então, faz-se necessário entender que o campo e os sujeitos que vivem nesse espaço têm peculiaridades e singularidades que necessitam ser lembradas no momento de construção de um currículo, assim como, do calendário escolar. Pois, a lógica de trabalho e de vida do campo é diferente do da cidade, portanto, deve ser respeitada.

Por fim, as análises do jovem do campo não se esgotam nas discussões realizadas nesta pesquisa, uma vez que surgem novos olhares e diferentes aspectos de análise. Em função disso, é importante dizer que, com esse estudo, espera-se contribuir para que a Geografia, por meio de seus pesquisadores, desperte ainda mais seus olhares para investigações relacionados às juventudes do campo e suas práticas espaciais que se configuram, cada dia mais, como um importante elemento de análise.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 203 p.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 134p.
- BOVÉRIO, Maria Aparecida. **Capital cultural e ensino superior**: aspectos que determinam o ingresso e a permanência no Ensino Superior sob a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu sobre a realidade social e escolar. *e-F@Nzine*, Monte Alto, ano 1, n. 4, abr./jun. 2009. ISSN 1984-6452.
- BROCCO, Ana Karine; ZAGO, Nadir. Condição do estudante de camadas populares no ensino superior. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SUL- ANPED SUL, 5., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2014. p. 1- 19.
- CARNEIRO, Maria. José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, out. 1998: 53-75.
- CARNEIRO, Maria José. “Rural” como categoria de pensamento. **Ruris**. v.2. n.1. 2008. DOI: <https://doi.org/10.53000/rr.v2i1.661>
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra. p.21-28, 2008.
- COULON, Alain. **A condição de estudante**: a entrada na vida universitária. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba), 2008. 276 p.
- CUNHA, Maria Amália de Almeida. Expectativas de jovens camponeses na universidade: os desafios de uma formação em nível superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 263-283, jan./jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.5216/ia.v36i1.15040>
- FURTADO, Eliane Dayse Pontes. **Estudo Sobre a Educação para a População Rural no Brasil**. Relatório Técnico – UNESCO, Ceará, p. 44-91, 2008.
- GOMES, Nayhara Freitas Martins. **A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas**: uma análise do município de Araponga, MG. 2015. 189p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, 2015. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/7299>>. Acesso em: 17 jan 2019.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.

KUPER, Adam. Cultura, diferença, identidade. In: KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002. p. 287-318.

MENEZES, Anizia Eduarda Nergues. SOUZA, Bruna Silva de. PEREIRA, Viviane Souza Santos. Perspectivas da juventude rural no ensino superior. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012. **Anais...** Aracaju-SE, p. 1-14, set. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLINA, Mônica Castagna. FREITAS, Helena Célia de Abreu. Avanços e desafios na construção da educação do campo. **Em aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

PONTE, Karina Furini da. (Re) Pensando o conceito do Rural. **Revista NERA**. Ano 7. n.4. 2004. Disponível em: www.revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1477/1453
Acesso em: 16 abr. 2020.

SILVA, Vanda. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 97-115. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622002000200007>

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recente**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

ZAGO, Nadir. **Em busca de novos horizontes: migração e ensino superior nos projetos de jovens de origem rural**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2013a.

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. **Anais eletrônicos...** Goiânia, GO. 2013b. Disponível em: http://www.36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt14_trabalhos_pdfs/gt14_2777_resumo.pdf >. Acesso em: 10 jan 2020.

Recebido em 19/11/2022.

Aceito para publicação em 28/03/2023.